



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

FRANZ KAFKA

CARTA AO PAI



FRANZ KAFKA nasceu em Praga, capital do antigo Império Austro-Húngaro, no seio de uma família judia de classe média, em 1883. Formado em Direito, empregou-se numa companhia de seguros, trabalho que afirmava detestar, mas que lhe permitia subsistir e dedicar-se à escrita. Em vida, viu apenas sete livros seus publicados, entre os quais *A Metamorfose*, em 1915. Em 1917, é-lhe diagnosticada a doença que viria a vitimá-lo em 1924: tuberculose. Kafka legou os direitos autorais da sua obra ao amigo Max Brod, com instruções explícitas para que todos os seus escritos fossem queimados após a sua morte. Max Brod ignorou esta ordem e, entre 1925 e 1935, dá ao prelo a obra completa de Franz Kafka, onde se incluem alguns dos romances e contos mais influentes de toda a literatura do século xx, onde se incluem os famosos (e póstumos) *O Castelo* (1926), cujo enredo obscuro explora os temas da alienação, frustração e arbitrariedade, e o desconcertante *O Processo* (1925), que narra a história absurda de um homem que é julgado sem que personagem ou leitor alguma vez conheçam as acusações que lhe são imputadas.

ISABEL CASTRO SILVA nasceu em 1977, em Lisboa, cidade onde sempre viveu, salvo dois anos em Macau. Licenciou-se em Literatura Portuguesa e Alemã na FLUL e tem o curso de Piano do IGL. Trabalhou desde sempre com livros, como revisora, tradutora literária e editora. Em 2015, fundou a editora Ítaca e a chancela infantil Jacareca.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	vii
Carta ao Pai	1
NOTAS DE TRADUÇÃO	105

INTRODUÇÃO

O Sr. Filho e o mais honesto dos pais

Kafka tinha trinta e seis anos quando escreveu a *Carta ao Pai*, em Novembro de 1919. Já escrevera grande parte das suas principais obras; já noivara três vezes; já passara por uma Grande Guerra, no fim da qual o seu país se tornara independente; já tinha menos de cinco anos para viver. Morava ainda em casa dos pais, e dá-se assim o caso de ter escrito uma carta a alguém que via quase todos os dias, com quem se sentava à mesa e que dormia no quarto ao lado. Logisticamente, não há carta mais fácil de entregar do que aquela cujos destinatário e remetente

coabitam. Psicologicamente, os obstáculos podem ser muitos, intransponíveis.

Segundo Max Brod, o grande amigo, executor literário, biógrafo e editor de Kafka, este entregou a carta à mãe para que a entregasse ao pai, pedido a que ela não acedeu. A recusa faz lembrar outra, mais famosa, do próprio Brod, a quem Kafka, já muito doente, pediu que destruísse sem ler todas as suas obras inéditas. Brod não só desobedeceu, como foi o mais incansável divulgador da obra do amigo após a sua morte. Sabendo-se que Brod tinha uma profunda admiração por Kafka e que mesmo em vida do amigo assumiu o papel de divulgar a sua obra, era muito improvável que consentisse em destruí-la totalmente. Do mesmo modo, sabendo-se que a mãe de Kafka ficava sempre do lado do pai, era igualmente improvável que entregasse uma carta cuja extensão já deixava adivinhar o seu carácter ominoso. Num caso e noutro, Kafka poderia ter-se encarregado de cumprir ele essas tarefas, pois nada parece mais fácil do que entregar uma

carta a alguém com quem se vive ou do que livrarmo-nos de papéis. Pode-se assim especular que Kafka escolheu o amigo e a mãe para estas tarefas precisamente por representarem o menor perigo de elas serem levadas a cabo.

Não era a primeira vez que Kafka tentava resolver os conflitos com o pai por intermédio de cartas. Essas tentativas fracassaram sempre, o que não o impediu de tentar uma vez mais. Como advogado de uma companhia de seguros — um cargo que o angustiava porque lhe roubava tempo à escrita, mas também porque o punha em contacto com a realidade chocante dos acidentes de trabalho —, os seus afazeres consistiam largamente em escrever cartas. Além disso, a julgar pela correspondência com Felice Bauer, de quem esteve noivo duas vezes, e com Milena Jesenská, sua primeira tradutora por quem se apaixonou, as cartas serviam, além dos intuitos mais comuns, também para substituir ou mesmo impedir o contacto físico. Lidar com pessoas ou assuntos melindrosos por interposta carta e usar

a escrita como escudo era já uma segunda natureza para Kafka.

A carta original tinha mais de cem páginas manuscritas — uma extensão insólita, que levou alguns críticos a supor que nunca se tratou de uma carta pessoal, mas de um texto pensado de raiz como parte da obra literária. Esta opinião parece ser secundada pelo facto de Kafka ter dactilografado¹ a carta no ano seguinte e de a ter dado a ler a outras pessoas, embora nunca ao pai. No entanto, é duvidoso que se possa chegar a uma conclusão sobre este ponto e que essa conclusão seja útil sequer, pois que diferença fará a quem a lê se a carta for vista como vida ou como literatura? Sobretudo tratando-se de um autor como Kafka, que disse de si mesmo que era feito de literatura e cujos diários mostram, até graficamente, uma contiguidade permanente entre vida e literatura.

Esta contiguidade, Kafka mantinha-a também como leitor, pois era grande apreciador de escritos pessoais, que muitas vezes tinha por

mais interessantes do que a obra ficcional dos seus autores. Os diários de Grillparzer e Hebbel, a correspondência de Fontane e Flaubert, a autobiografia de Goethe (*Dichtung und Wahrheit*) estavam entre os seus livros preferidos. Assim também a autobiografia de Benjamin Franklin, que um dia dá a ler ao pai, «por causa da relação», escreve ele na *Carta*, «entre o autor e o pai, tal como aí está descrita, e do autor com o filho [...]» (p. 67). Era ele próprio um correspondente e diarista obsessivo. Embora não esteja documentada nenhuma intenção nesse sentido, a *Carta ao Pai* pode ser lida como a autobiografia que Kafka, ainda não chegado aos trinta anos, planeou escrever. Segundo o biógrafo Reiner Stach, «O projecto heróico de Kafka de tornar mais suportável uma relação insuportável por via de um único e grande feito linguístico faz parte de um contexto de autoclarificação biográfica que parece ter surgido na juventude. Nos diários havia já coligido um grande número de observações e de recordações que ajudavam a esclarecer,

partindo da própria dinâmica da família, o seu estatuto extraterritorial e o seu distanciamento aparentemente inédito em relação a ela, e é legítimo supor que tenha lido com atenção este material (e até que o tenha levado consigo para Schelesen) antes de se abalançar ao projecto da carta [...]».²

A carta foi escrita na pensão Stüdl, em Schelesen, onde Kafka se instalou por duas semanas para convalescer. Nessa mesma pensão, em Fevereiro de 1919, conhecera Julie Wohryzek — como ele, doente dos pulmões —, de quem se tornou noivo em meados de Setembro. Quando soube, o pai censurou-o violentamente, acima de tudo por causa da despromoção social que o casamento com Julie comportaria, já que ela era de classe baixa (donde também Hermann Kafka provinha — e da qual, ironicamente, escapara por via do casamento), e ainda por causa da suposta licenciosidade sexual da noiva. Novembro de 1919 fora a data planeada do casamento. Porém, como a busca de casa fracassara — uma busca dificultada

pelo rescaldo da guerra —, e como a sentença proferida pelo pai se revelara pesada demais para o filho, nesse mês de Inverno, em vez de se casar e escapar à casa paterna, Kafka dedicou-se a escrever ao pai, ou contra ele. Em Julho de 1920, pôs fim à relação com Julie, que mais tarde se casou com outro homem, e mais tarde ainda, à semelhança de vários amigos, colegas, namoradas e parentes de Kafka, foi morta num campo de concentração nazi.

No conto «A Sentença», escrito em 1912, Kafka parece antecipar com surpreendente precisão a reacção do pai ao saber do seu noivado com Julie. Nele, o pai de Georg Bendemann, numa gradual e assustadora transição de um estado de aparente apatia e debilidade para outro de pujança tirânica, diz ao filho, a propósito da noiva com quem em breve irá casar-se: «“Porque ela levantou as saias”, começou o pai a dizer melosamente, “porque ela levantou as saias assim, aquela repugnante pata-choca, [...] porque ela levantou as saias assim e assim e assim, insinuaste-te

junto dela e, para que possas saciar-te sem seres perturbado, desonraste a memória da nossa mãe [...]».³ Sete anos mais tarde, como se pode ler na *Carta*, Hermann Kafka falaria não das saias mas da blusa da noiva: «Ela provavelmente vestiu uma blusa escolhida a dedo, como as judias de Praga bem sabem escolher, e com isso tu decidiste obviamente casar-te com ela. E o mais depressa possível, dentro de uma semana, amanhã, hoje. Não te compreendo, és adulto, vives na cidade e não sabes fazer melhor do que casar com uma qualquer» (p. 88). À semelhança do pai ficcional, também Hermann Kafka gosta de tratar o filho por «Sr. Filho», como se fosse este o verdadeiro detentor do poder e o pai, a sua vítima subserviente.

Reiner Stach qualifica esta cena no conto «A Sentença» como «uma das mais sinistras antecipações da história da literatura»⁴, mas, dado que Hermann Kafka se comprazia com obscenidades boçais, é mais provável que o filho, em vez dos dons proféticos que tantas vezes lhe

são atribuídos, se fiasse antes no seu invulgar poder de observação e, contando de antemão com o antagonismo daquele contra todas as suas decisões, deduzisse que a misoginia casual do pai um dia recairia sobre uma mulher que escolhesse. No conto, o pai de Georg condena-o à morte por afogamento, e embora o pai de Kafka nunca tenha proferido tal sentença, é notória a semelhança de ambos na vontade quase incontrolável de subjugação dos filhos, uma vontade que se diria ser o cerne da sua identidade.

Em 1916, numa carta dirigida ao seu editor, Kurt Wolff, Kafka expressou a vontade de publicar em conjunto três textos seus: além de «A Sentença», também «O Fogueiro» (que viria a constituir o primeiro capítulo do romance *O Desaparecido*) e a novela *A Metamorfose*. Os três textos deveriam ser coligidos sob o título *Os Filhos*, por existir entre eles, segundo o seu autor, uma conexão secreta. A Grande Guerra impediria a concretização do projecto, mas a coesão dos três textos torna-se evidente

na maneira como Kafka elabora neles a forma singular de violência que é a violência em família. A *Carta ao Pai* permite concluir que esta investigação das relações entre pais e filhos são variações ou estudos do seu próprio caso e que, portanto, pertencem também eles ao projecto de autoclarificação de que Stach falava.

Porém, a experiência de ser filho de um pai despótico e de viver num ambiente em que cada membro da família girava em torno de um centro autoritário não subjaz apenas aos textos que põem esta relação em primeiro plano. É assim que Walter Benjamin pode estabelecer, sem atrito, o paralelo entre as diferentes figuras de poder na obra de Kafka e os pais: «No seu movimento contínuo e lento — descendente ou ascendente —, o leitor vai travando conhecimento com esses detentores do poder. Mas os mais terríveis são aqueles que se erguem da mais funda degradação, na figura dos pais [...]. O pai é a figura que pune. A culpa atrai-o do mesmo modo que atrai os funcionários da Justiça. Há muitos indícios

de que o mundo dos funcionários e o mundo dos pais são para Kafka um e o mesmo mundo. E a semelhança em nada os dignifica. O próprio desse mundo é a insensibilidade, a degradação, a imundície. [...] Do mesmo modo, nas estranhas famílias de Kafka, o pai vive à custa do filho, pesando sobre ele como um monstruoso parasita que lhe consome, não apenas as forças, mas também o direito à existência.»⁵

A este respeito é pertinente notar que certos passos da *Carta* aludem directamente à obra literária, dando mais uma vez exemplo da contiguidade entre vida e literatura no caso de Kafka. Por exemplo, perto do final, quando o pai apresenta a sua objecção às provas que Kafka foi apresentando, refere-se a ele como um *Ungeziefer*, um inseto parasita, a mesma palavra com que Gregor Samsa é definido no início d'*A Metamorfose*. Após o incidente na *Pawlotsche*, Kafka fala do medo que lhe ficou para sempre de que alguém, «a última instância», pudesse chegar, arrancá-lo da cama e levá-lo para a rua — um medo que

torna particularmente perturbador o início d’*O Processo*, quando Josef K., ainda deitado na cama, sabe que foi preso. Reminiscente deste romance é também a frase da *Carta* que reza: «Em certa medida, era-se castigado antes mesmo de se saber que se fizera alguma coisa de grave» (p. 29). Se as autoridades d’*O Castelo* se recusavam a reconhecer os direitos de K. e apenas concediam favores e dádivas, também Kafka em criança acreditava dever a sua vida à misericórdia do pai: «Era igualmente terrível quando corrias à volta da mesa aos berros para me agarrares; era óbvio que não me querias agarrar mas agias como se quisesses e por fim a Mãe fingia que me salvava. Uma vez mais, a criança preservava a vida, assim lhe parecia, graças à tua misericórdia e continuava a vivê-la como dádiva tua imerecida» (p. 27).

Ora, esta faceta autobiográfica da obra de Kafka — mais certo seria dizer que a vida e a obra são inseparáveis a ponto de não se poder conhecer uma sem se conhecer a outra — tem sido

largamente ignorada pela sua exegese. É como se um autor que criou, sem os ter vivido, cenários muito próximos da experiência de viver sob o estalinismo ou sob o nazismo tivesse necessariamente de se inspirar noutra coisa que não na sua vida. Ou como se um autor que descreveu a desolação de viver na presença de um Deus ausente sem ser ele próprio um homem de fé tivesse necessariamente de se inspirar noutra coisa que não na sua vida. No entanto, quanto mais se lê a obra de Kafka e se conhece a sua vida, mais claro se torna que, nas parábolas, nas fábulas, nos romances inacabados, nos diários, na correspondência, quase sem exceção, ele está a elaborar de forma obsessiva e radical o seu próprio caso.⁶ Isto não quer dizer que as leituras políticas ou teológicas que até agora dominaram a exegese da obra de Kafka estejam erradas. Pode querer antes dizer que há uma qualquer relação entre um Deus ausente, os regimes totalitários que aterrorizaram o século xx e uma infância infeliz às mãos de um pai despótico.

Carta ao Pai
(novembro de 1919)¹

Schelesen²

Caríssimo Pai,

Perguntaste-me recentemente porque afirmo que tenho medo de ti. Como de costume, não soube responder-te, em parte precisamente por causa do medo que tenho de ti, em parte porque a fundamentação deste medo se prende com demasiados pormenores que eu não conseguiria de modo algum coligir numa conversa. E, se tento aqui responder-te por escrito, esta resposta será muito incompleta, pois também na escrita o medo e as suas consequências me tolhem diante de ti e o assunto é tão vasto que ultrapassa em muito a minha memória e o meu entendimento.

Este assunto sempre te pareceu simples, pelo menos quando falavas dele comigo e, indiscriminadamente, com muitas outras pessoas. Pareceu-te qualquer coisa assim: trabalhaste duramente toda a tua vida, sacrificaste tudo pelos teus filhos, sobretudo por mim, por consequência eu vivi «à grande e à francesa», tive toda a liberdade para estudar o que quisesse, nunca precisei de me preocupar com o que iria comer, ou seja, nunca tive preocupações; nunca exigiste gratidão por nada disto, conheces bem «a gratidão dos filhos», mas esperavas alguma boa vontade, que fosse sinal de simpatia; em vez disso, sempre fugi de ti, escondia-me no meu quarto, nos livros, nos amigos doidos, nas ideias extravagantes; nunca conversei com franqueza contigo, nunca te acompanhei ao templo, nunca te visitei em Franzensbad³, nunca fui uma pessoa ligada à família, nunca me preocupei com a loja e com os teus restantes encargos, sobrecarreguei-te com a fábrica⁴ e depois abandonei-te, encorajei a obstinação da Ottilia⁵ e, ao passo que não levanto

um dedo por ti (nem sequer te ofereço um bilhete para o teatro), faço tudo por desconhecidos. Se resumirmos o juízo que fazes de mim, resulta que não me acusas de nada de verdadeiramente indecente ou mau (à exceção talvez dos meus planos recentes para me casar)⁶, mas de frieza, estranheza, ingratidão. E acusas-me como se fosse *culpa* minha, como se, girando o volante, pudesse ter dado a tudo isto um rumo diferente, ao passo que tu não tens culpa nenhuma, salvo a de teres sido demasiado bondoso comigo.

Considero que esta tua descrição habitual é correta apenas na medida em que também eu acredito que és completamente inocente no que respeita ao nosso distanciamento. Mas também eu sou completamente inocente. Se conseguisse levar-te a reconhecer isto, seria possível... não uma nova vida, somos ambos demasiado velhos para isso, mas uma espécie de paz, não o fim, mas uma mitigação das tuas incessantes acusações.

Estranhamente, tu tens uma ideia daquilo que quero dizer. Assim, por exemplo, há não

muito tempo disseste-me: «Sempre gostei de ti, mesmo que exteriormente não seja contigo o que outros pais costumam ser, precisamente porque, ao contrário dos outros, não sei fingir.» Ora, Pai, de um modo geral nunca duvidei da tua bondade para comigo, mas esta tua observação afigura-se-me incorreta. Não sabes fingir, isso é verdade, mas querer asseverar, apenas por esta razão, que os outros pais são dissimulados ou é pura mania de ter sempre razão sem admitir réplica, ou — e é disso que, na minha opinião, se trata — é a expressão velada do facto de qualquer coisa não estar em ordem entre nós os dois e de tu a teres causado também, embora sem culpa. Se é isso que realmente pensas, então estamos de acordo.

Como é óbvio, não digo que foi só pelo efeito que exercestes em mim que me tornei aquilo que sou. Seria um grande exagero (e eu até tendo para esses exageros). É bem possível que, mesmo crescendo livre da tua influência, não tivesse podido ser uma pessoa a teu contento. Seria

provavelmente uma pessoa fraca, receosa, hesitante, inquieta, longe de um Robert Kafka ou de um Karl Hermann, mas muito diferente do que sou, e teríamos podido conviver excelentemente. Seria uma felicidade ter-te como amigo, como chefe, como tio, como avô, até mesmo (mas mais a medo) como sogro. Contudo, justamente como pai foste demasiado forte para mim, desde logo porque os meus irmãos morreram em crianças e as minhas irmãs chegaram muito depois, e eu tive assim de aguentar inteiramente sozinho o primeiro embate, para o qual era demasiado fraco.

Compara-nos aos dois: eu, muito abreviadamente, um Löwy com um certo fundo de Kafka; este, porém, não é posto em movimento pela vontade de viver, de singrar nos negócios, de conquistar dos Kafkas, pelo contrário, por causa de um aguilhão dos Löwys, toma outro rumo e muitas vezes começa até a soçobrar. Já tu és um verdadeiro Kafka no que toca a força, saúde, apetite, voz sonora, eloquência oratória, autossatisfação, superioridade mundana,

perseverança, presença de espírito, conhecimento da natureza humana, claro que também com as falhas e fraquezas que acompanham todas estas qualidades e para as quais o teu temperamento e por vezes a tua cólera te empurram. Talvez não sejas inteiramente um Kafka na tua visão geral do mundo, tanto quanto consigo comparar-te com os tios Phillip, Ludwig, Heinrich. É estranho, aqui também não vejo claramente. Afinal, todos eles eram mais alegres, frescos, espontâneos, airados, menos severos do que tu. (Neste aspeto herdei muito de ti, e geri demasiado bem a herança, mas sem ter em mim, como tu tens, os necessários contrapesos.) Por outro lado, a este respeito também atravessaste diferentes fases, foste talvez mais alegre antes de os teus filhos, sobretudo eu, te terem desiludido e atormentado em casa (quando outras pessoas nos visitavam, eras um homem diferente), e agora talvez te sintas mais alegre, pois os netos e o genro devolveram-te um pouco da afeição calorosa que os filhos, à exceção talvez da Valli, não puderam dar-te.

Em todo o caso, éramos tão diferentes, e nesta diferença tão perigosos um para o outro, que, se alguém quisesse calcular de antemão como eu, a criança que se desenvolvia lentamente, e tu, um homem feito, nos daríamos, poderia supor que simplesmente me pisarias até nada sobrar de mim. Não foi isso que aconteceu, a vida não pode ser prevista, mas aconteceu uma coisa porventura pior. Contudo, peço-te aqui uma vez mais que não esqueças que de modo algum acredito, sequer remotamente, numa culpa tua. O teu efeito em mim foi o que tinha de ser, mas tens de parar de atribuir o facto de eu ter sucumbido a esse efeito a uma especial maldade minha.

Eu era uma criança receosa, mas é certo que também teimosa, como as crianças são, e sem dúvida que a Mãe também me mimava, mas não posso acreditar que fosse particularmente difícil de guiar, não posso acreditar que uma palavra amistosa, uma mão dada em silêncio, um olhar bondoso não conseguissem tirar de mim tudo o que se quisesse. Ora, no fundo, és um homem

bondoso e brando (o que direi de seguida não contradiz isto, falo apenas de como surgias aos olhos da criança exposta à tua influência), mas nem todas as crianças têm a perseverança e a intrepidez necessárias para procurarem até encontrarem a bondade. Tu só sabes tratar uma criança como tu próprio és, com força, ruído e cólera, e neste caso, o que é mais, isso pareceu-te bastante adequado, pois querias criar em mim um rapaz forte e corajoso.

Como é natural, já não consigo descrever diretamente os teus métodos pedagógicos nos primeiros anos, mas consigo imaginá-los por dedução dos anos posteriores e do modo como tratas o Felix⁷. Aqui entra ponderosamente em conta que nessa época eras mais jovem, e logo mais fresco, mais feroz, mais original e ainda mais despreocupado do que hoje, além disso dedicavas-te inteiramente à loja, mal te mostravas uma vez por dia sequer, e desse modo criavas em mim uma impressão profundíssima, que o hábito nunca aplanou.

«Tornaste-te para mim o enigma
que são todos os tiranos cujo direito
se funda na sua pessoa e não no pensamento.
Pelo menos era o que me parecia.»

Em novembro de 1919, Franz Kafka escreveu uma extensa missiva dirigida ao pai, Hermann Kafka, na qual expurgava décadas de abusos psicológicos. Esta carta, a mais famosa do século xx, nunca chegou ao destinatário, mas a sua publicação póstuma permitiu a gerações de leitores testemunharem uma história de violência doméstica e a subsequente devastação de um filho às mãos de um pai tirano.

Lúcida e pungente, *Carta ao Pai* é um poderoso exercício de autoanálise e um valioso documento histórico e literário, sem o qual a nossa compreensão da obra de Franz Kafka seria, necessariamente, muito diferente.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução e introdução de Isabel Castro Silva



The Art of Conversation,
1963

© René Magritte /
Adagp, Paris / SPA,
Lisboa, 2024

 penguinlivros.pt

   [penguinlivros](https://www.penguinlivros.com)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN 9789895832071



9 789895 832071 >